

A COISIFICAÇÃO DO SUJEITO: REFLEXÕES PSICOLÓGICAS SOBRE A LIBERDADE E A SUBJETIVIDADE DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E EM CÁRCERES PÚBLICOS

Vaurilene Barros Silva Dantas¹
Rondinele Duarte Costa de Assis²

RESUMO: A situação de rua, apresenta-se como condição de risco a pessoas não domiciliadas. Presente em todo o Brasil, as pessoas nesta situação ultrapassam simbolicamente as vivências atuais da sociedade e se tornam causa de discriminação por meio dos mais variados estigmas. A condição de rua, acaba acarretando sentimentos de “não pertencimento” à sociedade, bem como sofrimento diante de inúmeras faces da violência e preconceitos. Com o advento da psicologia social, se faz necessário, a prática de pesquisas e estudos no âmbito sociológico e comunitário, tendo em vista a influência que o meio social possui sob a legitimação de construtos individuais e coletivos, onde cada um exerce uma ação sob o outro e vice e versa.

Palavras-chave: situação de rua; resiliência; estigma; psicologia social.

ABSTRACT: The street situation is presented as a risk condition for persons not domiciled. Present throughout Brazil, people in this situation symbolically surpass the current experiences of society and become a cause of discrimination through the most varied stigmas. The street condition ends up causing feelings of "non-belonging" to society, as well as suffering before countless faces of violence and prejudices. With the advent of social psychology, it is necessary to practice research and studies in the sociological and community spheres, considering the influence that the social environment has under the legitimation of individual and collective constructs, where each one carries out an action under the another and vice versa.

3003

Keywords: Street situation. Resilience. Stigma. Social Psychology.

I. INTRODUÇÃO

A psicologia, de modo particular a psicologia social, é uma ciência que traz consigo grandes transformações e interesses ao longo de sua história. Para nos proporcionar uma possibilidade de compreensão sobre essas transformações, é necessário fazer um breve estudo sobre a história da psicologia no Brasil, compreendendo que uma profissão, que tem como ferramenta o ser humano, se torna suscetível a inúmeras mudanças ao longo de sua construção junto à sociedade (BOCK, 2008).

¹Psicóloga Clínica.

²

Nas décadas de 50/60, os modelos europeus e estadunidenses de psicologia foram incorporados no Brasil, tendo como objetivo elevar as técnicas das formas de produção para alavancar a modernização da sociedade. Essas técnicas eram utilizadas em indústrias e escolas, que tinham como objetivo o aumento da produtividade. Os testes psicológicos também tinham um papel importante nessa época, pois eles representavam a psicologia como uma ciência objetiva e modernizada (BOCK, 2008, p.1).

Entramos no Brasil e nos desenvolvemos a partir do projeto da elite de modernização da sociedade brasileira. Estivemos à disposição deste projeto, atendendo aos interesses das camadas dominantes, que eram as que possuíam a possibilidade de reconhecer e introduzir a profissão. (BOCK, 2008, p.1)

Ainda segundo Bock (2008), foi durante o regime da ditadura militar, que parte dos grupos que eram contra as ideias do governo da época, iniciaram nas universidades, discussões que abordaram temas éticos e políticos, integrando as áreas de ensino, inclusive a psicologia. Desde então, a psicologia foi levantando e discutindo questões que abordam assuntos relacionados a sociedade de forma geral e não somente aos grupos que detinham poder econômico. Brito e Silva (2016), nos mostra, que as intervenções e pesquisas em contextos sociais, são formas de atuação da psicologia que vem sendo construída nos países latino americanos, e que vem proporcionando ao psicólogo, a possibilidade de trabalhar com a população mais pobre.

3004

Ainda segundo Brito e Silva (2016), mesmo diante de alguns desafios, os psicólogos devem abrir mão de seus receios e preconceitos ao trabalharem com comunidades, pois essa também é uma forma de contribuir para a reformulação de identidades e para uma sociedade igualitária.

O interesse em pesquisar e escrever sobre indivíduos em situação de rua, surgiu de uma reflexão sobre o modo de viver e de existir destes. Ferreira et al (2016), nos diz que: “a realidade desse grupo populacional aponta para pessoas vivendo em extrema vulnerabilidade social, cujas vidas são demarcadas por privações de direitos, rompimento de vínculos afetivos, violência, sofrimento e estigma”. Evidencia-se, assim, riscos à vida proeminentes da própria situação em que estão situados.

Os estigmas instaurados durante as experiências de vida dessas pessoas se tornam um conjunto de tipificações que recebem suas significações por meio de termos muitas vezes considerados pejorativos. Segundo Mattos e Ferreira (2004), O conjunto destas tipificações

suscita nos cidadãos domiciliados ações que trafegam no extremo da total indiferença chegando até à repulsa e à violência física.

Ainda segundo Mattos e Ferreira (2004), também é possível notar, que no outro extremo, há uma atitude hostil e de repulsa. A violência física muitas vezes, é uma atitude legitimada pela existência destas tipificações, as quais também podem ser citadas como rótulos, que são perpetuados de geração em geração em nosso contexto sociocultural, causando assim uma tendência à disseminação de ideias pré-concebidas sobre as pessoas que moram nas ruas por opção própria ou não.

Dentre tantos outros estigmas sofridos e vivenciados, estes preconceitos geram ainda “uma identidade de humilhação e de vergonha” (ALCANTARA et al, 2014). O mesmo autor, aponta que essas pessoas, tendo seu isolamento social ratificado e legitimado pela atuação de instituições que prestam simplesmente serviços de assistencialismo e não produzem uma reintegração social aos indivíduos que se favorecem delas, a atitude de órgãos públicos e instituições em geral, necessitam produzir ações favoráveis a explorações potencializadoras dos saberes, habilidades e conhecimentos já existentes nos indivíduos que compõem tal população.

Conforme discutidos por Mattos e Ferreira (2004), podemos refletir sobre como os preconceitos, a fragilidade da proteção física e mental, o processo de interiorização de estigmas bem como o “descrédito” da maior parte da sociedade comum causado pelo processo de exclusão, poderão abrir possibilidades para que as tipificações vividas deem lugar para a legitimação da violência e concomitantemente à modelagem da identidade dos sujeitos envolvidos na situação de rua.

Segundo Macerata (2010) seus lugares na sociedade, os define como indivíduos caracterizados pela desgraça, com inaptidão ao trabalho combinados a constante exposição à violência e restrição a circulação nos espaços da cidade. Essas caracterizações que permeiam “o viver” à margem da sociedade, nos leva a refletir como isso pode interferir na sanidade mental desses indivíduos e quais as estratégias utilizadas para sobreviver em meio a tamanha vulnerabilidade social. Como diz Mattos (2006), “O cerne para se pensar a situação de rua é tomá-la como um processo que implica, necessariamente, rupturas com o trabalho e a família, além do desatendimento à habitação como um direito social básico de todo o cidadão”.

Este trabalho procura ampliar a visão acerca do morador de rua e sua perspectiva de si e sobre seu meio. O que é a rua e o que ela simboliza para quem mora nela, quais as consequências

que as estigmatizações sofridas pelos mesmos afetam em seu modo de enfrentamento de vida, abordando discussões do âmbito da psicologia social.

2- METODOLOGIA

O presente trabalho se propõe a abordar o tema pessoa em situação de rua por meio de revisão bibliográfica narrativa, “que se constitui, basicamente de análise de literatura publicada em livros, artigos de revista impressa e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor” (ROTHER, 2007).

Caracterizados por fornecer resposta qualitativa ao tema em destaque, a revisão bibliográfica narrativa é capaz de reunir e atualizar conceitos estudados num único tema, evidenciando respostas semelhantes em pesquisas distintas. A revisão narrativa, em comparativo à revisão bibliográfica sistemática, segundo Rother (2007) tem questão ampla, fonte frequentemente não-especificada, seleção frequentemente não-especificada, avaliação variável, síntese qualitativa e inferências às vezes baseadas em resultados de pesquisa clínica. Denota-se deste modo que a metodologia da pesquisa em revisão narrativa possui características amplas, não tão direcionadas, mas fundamentadas cientificamente.

Os materiais coletados foram conseguidos através de pesquisa na internet sobre o tema

3006

3- RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1- O que é a rua para quem mora nela

Segundo Andrade et al (2014), a situação de rua, é algo que acontece desde que as fazendas, na época do Brasil colônia, começaram a libertar seus escravos antes mesmo da abolição (1888) e com a chegada dos imigrantes europeus, nos períodos dos séculos XIX e XX. Esses ex-escravos e imigrantes já se encontravam em situação de rua em meio ao abandono, configurando assim as primeiras periferias brasileiras, sendo comum a classificação dessas pessoas como “vagabundos”.

De acordo com o dicionário Aurélio (2004)³, a rua primeiramente significa uma via pública para circulação urbana, e os habitantes de uma rua, também podem ser figurados como a ralé, a plebe, bem como sendo desprovidos de crédito, sofrendo humilhação e sendo feridos na honra. Essas definições podem levar a uma reflexão, sobre para quem essa via se torna pública e livre para a circulação urbana. O termo “via pública”, remete à livre acesso, o que se torna contraditório quando se trata do sujeito em situação de rua, pois a humilhação, o descrédito, preconceitos e ataques à reputação dessas pessoas, faz com que o olhar sobre elas, seja de não pertencimento desses espaços.

Para compreendermos como se caracteriza a pessoa em situação de rua, devemos primeiramente partir da compreensão de que a rua e aqueles que moram nela, caracterizam também um tipo de sociedade. O ato de ocupar a rua, não se restringe apenas a ocupar um espaço físico e sim a ocupação de um espaço simbólico. (MATTOS, 2006)

Varanda e Adorno (2004), expõe que na rua, também existe uma pluralidade de identidades entre esses sujeitos:

Buscando situar a pluralidade e as identidades que se constroem entre a população de rua, destacamos as nomeações pelas quais os moradores de rua se identificam, mesmo que estas reproduzam os enquadres institucionais que lhes são impostos, como morador de rua, ou termos que se referem a práticas voltadas para grupos específicos. (VARANDA e ADORNO, 2004, p.58)

3007

Na rua, também existem características próprias, quanto a forma em que os moradores caracterizam uns aos outros, formando assim os grupos. Conforme Varanda e Adorno (2004), é comum existir entre a população de rua, vários tipos de nomeações as quais são utilizados por eles para a identificação entre si: “maloqueiros”, são utilizados para identificar aqueles que ocupam espaços com colchões ou utensílios pessoais, os usuários de albergues são nomeados de “albergados”, “Trecheiro” também é um termo comum, o qual é utilizado para identificar aqueles que saem em busca de trabalho, se opondo assim aos pardais, que são os moradores de rua que não trabalham. Na rua também existem usuários de drogas, os quais dependendo do seu tipo de uso, são classificados de maneiras particulares. Ainda segundo Varanda e Adorno (2004),

³ 1 AURÉLIO. Rua: [Do lat. ruga, “ruga”, posteriormente “sulco”, “caminho”.] **S.f.** 1. Via pública para circulação urbana, total ou parcialmente ladeada de casas. [...] Os habitantes de uma rua. **4.Fig.** A ralé, a plebe. **9.** Exprime despedida ríspida, violenta: Vá-se, suma-se, fora: -Rua, espertalhão! **Rua da amargura.** [...] **2.** grande sofrimento, tortura. Arrastar pela rua da amargura. Atacar a reputação de; provocar o descrédito de; fazer sofrer muito, humilhando, ferindo na honra; levar à rua da amargura. Encher a rua de pernas. Vadiar, vagabundear. **Dicionário da Língua Portuguesa.** Curitiba, Editora Positivo, 2004.

os que usam crack, são geralmente chamados de “pedreiros”, e os que fazem uso de álcool e drogas são chamados de “nóia”.

Ao refletir como esses grupos se relacionam, pode-se perceber, que a natureza dos termos e a forma com que são utilizados, dependerá da situação, do posicionamento de diferenciação em que cada um se coloca ou é colocado: “Na presença de um assistente social ou agente de saúde é comum que um indivíduo procure se mostrar menos “maloqueiro” do que outro. (VARANDA et al, 2004). O significado e classificação do outro, vai depender do ponto de partida do olhar e se a óptica vem de fora ou não desses lugares.

3.2- A estigmatização e suas interferências na vida dos indivíduos sem domicílio

Para relatar o fenômeno da estigmatização, se faz necessário a presença de uma breve discussão histórica, sobre o desenvolvimento do país correlacionando-o com a formação da sociedade. Gomes (2006), discute os conceitos do estado de bem-estar, relacionando-o assim, com a construção de um sistema de proteção social no Brasil, no período marcado pelo desenvolvimentismo econômico de 1930 ao final da década de 1970. Para Costa (2005), modelo de economia adotado no Brasil, contribuiu para a produção de condições subjugadas e de difícil acesso a uma nova perspectiva no modo de viver, pois a tendência da construção do bem-estar social no Brasil, não foi bem efetivada. Ainda segundo Costa (2005), os governos que implementaram ações focalistas, tentaram enfrentar os problemas sociais como fatos isolados, trazendo como resultado uma política não efetiva na qualidade de vida das pessoas.

Para Castel (1997, p. 28-29) citado por Costa (2005), os “sobrantes”, são pessoas normais, porém, invalidadas pelo contexto, causado pelas novas exigências do mercado, caracterizado pela diminuição de oportunidades de trabalho e aumento da competitividade; onde essas situações contribuem para a construção de uma realidade a qual não há oportunidades para todos. Antes a responsabilidade era coletiva, incorporada e cooperada pela idéia do estado de bem-estar, agora se torna uma responsabilidade pessoal. A divergência se encontra no fato de que estes indivíduos “sobrantes”, não participam deste mercado, pois o mesmo já não precisa mais de sua força de trabalho, a qual era o que se tinha para oferecer no processo de troca. Não participando desse processo de circulação, o que lhes resta é a condição de exclusão, segundo o autor: “simplesmente sobram”, conseqüentemente, esse contexto econômico e social, teve seu papel na contribuição para o surgimento de indivíduos em situação de rua.

Manoel Bandeira, em seu poema “O Bicho”, publicado em 1947, período esse que coincide com o já relatado no início do tópico discutido no momento, expressa a realidade de legitimação de uma identidade imposta por uma condição vulnerável. Nota-se que o homem nesse poema, é simbolizado pelo substantivo comum “bicho”:

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.
(BANDEIRA, 1947)

É possível extrair desse poema, inúmeras reflexões, tornando possível também fazer uma correlação com a época em que o mesmo foi datado, com as discussões dos autores citados. É possível perceber que o país vivia uma forte tendência econômica que em contrapartida, contribuía com a desigualdade social. É notório também, que no poema, a palavra ‘bicho’ carrega consigo uma simbologia, uma espécie de estigma.

3009

Conforme dito por Mattos e Ferreira (2004), as tipificações causam um distanciamento dessas pessoas com relação àquelas que não vivem à margem da sociedade, esse distanciamento poderá fazer com que esses indivíduos em situação de rua tornem-se esquecidos e muitas vezes propositalmente isolados da sociedade comum.

Ainda segundo Mattos & Ferreira (2004), a disseminação e a forma com que esses rótulos são legitimados e generalizados, poderão fazer com que esses indivíduos internalizem a significação desses termos, ocasionando assim, um possível distanciamento tanto para com a sociedade comum, como para seu próprio eu.

Bauman (1999), citado por Valencio (2010, p.205), lembra: “Todo estranho, não deve ser tolerado”, portanto, pessoas em situação de rua, muitas vezes são isentas de sua dignidade por desafiarem a ordem social. Isso acaba contribuindo para o processo de exclusão dos mesmos. Ainda segundo Valencio (2010, p. 205), quando se é feita uma observação baseada somente no

indivíduo, as discussões acerca sobre as transformações necessárias nas políticas de assistências sociais e proteção aos grupos de riscos, ficam em segundo plano.

Conforme discutido por Mattos & Ferreira (2004), podemos refletir sobre como os preconceitos, a fragilidade da proteção física e mental, o processo de interiorização de estigmas bem como o “descrédito” da maior parte da sociedade comum causado pelo processo de exclusão, poderão abrir possibilidades para que as tipificações vividas deem lugar para a legitimação da violência e concomitantemente à modelagem da identidade dos sujeitos envolvidos na situação de rua.

Ciampa (1990) citado por Mattos e Ferreira (2004), diz que a identidade é configurada “a partir da interiorização de atributos pressupostos pelos outros em nossas interações, tendo como pano de fundo o conhecimento socialmente compartilhado”. Percebe-se aqui, que muito do que a pessoa em situação de rua diz ou pensa de si é efeito do que ela tem experimentado em suas relações. Macerata (2010) diz, que é importante compreender como é formada a realidade das relações individuais entre social e indivíduo, pois assim possibilita a abertura à liberdade de nossas percepções para com uma ‘relação determinista’ e essencial. A realidade da miséria não deve ser encarada como um cenário autodeterminado e sim como uma experiência compartilhada, pertencente a todos de uma sociedade, pois a mesma compõe mutuamente a relação de uns com os outros e não somente de uma forma subjetivamente individual, para Macerata (2010), é como se os contextos fossem construídos por meio de uma relação subjetivamente coletiva.

3010

Essas discussões abrem possibilidades para inúmeras reflexões, de modo particular, as consequências causadas pela imposição dos estigmas sob esses sujeitos, que quando colocados numa posição generalizada de marginais, acabam se distanciando de sua subjetividade individual.

Considerados muitas vezes culpados pela situação em que vivem, as pessoas nesta condição se vêem tantas vezes “enjauladas” socialmente em pseudônimos, tais como “malandra”, “bêbada”, “vagabunda”, “louca”, “suja”, “perigosa” e “coitadinha”, como mostra Mattos & Ferreira (2004) e Alcantara et al. (2014). Aguiar (2000), diz que o homem constrói sua existência com atitudes de acordo com sua realidade, tendo como objetivo satisfazer suas necessidades, criando suas possibilidades tornando-se “si próprio”. Sendo assim, a

internalização desses conceitos, as condições precárias de sobrevivência e a ausência de uma rede de apoio sólida, poderá ter influência direta em seus comportamentos.

Segundo Paugam (1999), citado por Pratis (2011): “Quando a pobreza é combatida e julgada intolerável pela coletividade [...] seu status social é desvalorizado e estigmatizante”.

Para o autor os processos de discriminação vivenciados pelos mais excluídos da sociedade, acabam causando um contexto de desqualificação/desvalorização social que acaba impedindo que os sujeitos, desenvolvam um sentimento de pertença a um espaço ou classe social.

É importante salientar, que a vida destes não seja vista apenas como algo plural e sim de uma forma singular, onde esses sujeitos não são desprovidos de história de vida. “Homem e sociedade vivem uma relação de mediação em que cada pólo expressa e contém o outro, sem que nenhum deles se dilua no outro ou perca sua singularidade” (AGUIAR, 2000). O modo de vida de pessoas em situação de rua, é mutável e amplo, por isso se faz necessário conhecer e compreender as vivências desses indivíduos, em seus reconhecimentos pessoais, possibilidades e expectativas. Lembrando que sua forma de estar no mundo está constantemente em confrontação com os estigmas carregados sob a vivência de cada sujeito.

3.3 Violência e sanidade mental: uma consequência sutil

A violência, é um fenômeno que faz parte do dia a dia e da realidade da sociedade. De acordo com Gomes (1994), existem alguns equívocos diante desse assunto que acabam limitando a compreensão sobre ele, como por exemplo, situar ou restringi-lo somente no âmbito do crime. “Mas também sabemos que por detrás dos crimes estão presentes outros níveis de violência que necessariamente não se articulam diretamente com os crimes e que nem sempre são percebidos como ato violento” (GOMES, 1994). De acordo com a pesquisa de Minayo (1990), é possível classificar a violência em três níveis: a) violência estrutural, a qual surge no próprio sistema social, caracterizada por desigualdades e seus efeitos, como por exemplo, a fome, o desemprego, discriminação de raça, idade e gênero. b) a violência de resistência, expressando as reivindicações das classes que sofrem discriminações, proporcionando uma consciência de transformação. Esse tipo de resistência pode ser considerada por grupos dominantes como desordem e disfunção. c) a delinquência seria a terceira forma de violência presente entre nós. Diz respeito a roubos, furtos, sadismos, sequestros, delitos sob o efeito de álcool e outras drogas.

O nível de violência estrutural, é o que se faz mais visível quando se trata do contexto de indivíduos em situação de rua, pois ela traz em sua definição, mazelas que são constantemente sofridas pelos mesmos. A indiferença, segundo Costa (1997), comentado por Mattos (2006), acontece de forma típica e é um modo de violência sutil, pois ao desqualificar o outro, se legitima e estimula a violência deliberada. Mattos (2006), descreve também, que existe outro elemento que deve ser destacado, que é a grande desconfiança que os sujeitos em situação de rua possuem uns dos outros, no que se refere à segurança pessoal e o receio de sofrer roubos. Essa desconfiança, segundo o autor, está atrelada a violência que surge em meio ao cotidiano das relações sociais, tendo como papel também, a resolução de desentendimentos e conflitos.

Além desses contextos discutidos acima, também se faz necessário relatar situações que podem ser consideradas como violência. Para isso, será utilizado um cenário relatado na música do grupo Racionais Mc's, onde eles descrevem de forma realista, o cotidiano de um sujeito, o qual é referido como o "Homem na estrada":

[...] Pois sua infância não foi um mar de rosas, não
Na FEBEM, lembranças dolorosas, então
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim
Muitos morreram sim, sonhando alto assim
Me digam quem é feliz, quem não se desespera
Vendo nascer seu filho no berço da miséria.
Um lugar onde só tinham como atração
O bar e o candomblé pra se tomar a benção
Esse é o palco da história que por mim será contada
Um homem na estrada

Equilibrado num barranco, um cômodo mal acabado e sujo
Porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio
Um cheiro horrível de esgoto no quintal
Por cima ou por baixo, se chover será fatal
Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou
Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas
Logo depois esqueceram, [...]!
Acharam uma mina morta e estuprada
deviam estar com muita raiva
"Mano, quanta paulada!"
Estava irreconhecível, o rosto desfigurado
Deu meia noite e o corpo ainda estava lá
coberto com lençol, ressecado pelo sol, jogado
O IML estava só dez horas atrasado
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim
Quero que meu filho nem se lembre daqui
Tenha uma vida segura.
Não quero que ele cresça com um "oitão" na cintura
e uma "PT" na cabeça.
E o resto da madrugada sem dormir, ele pensa

o que fazer para sair dessa situação
Desempregado então
Com má reputação
Viveu na detenção
Ninguém confia não
E a vida desse homem para sempre foi danificada
Um homem na estrada [...]
(Racionais Mc's - Um homem na estrada, 1993)

Esse contexto vivido pela figura protagonista da canção “Homem na estrada”, retrata vários fatores voltados para o singular integrado ao social. Quando eles citam: “Me digam quem é feliz, quem não se desespera/ vendo nascer seu filho no berço da miséria” nos traz à tona a reflexão sobre as perspectivas de vida, anseios e receios dos que vivem em situação de vulnerabilidade social. O retrato dos estigmas também se faz presente nos versos: o sujeito vindo da detenção, com má reputação que se vê em meio ao descrédito. Segundo Mattos (2006), o processo de desinstitucionalização vivido por pessoas que estiveram sob custódia do Estado em instituições como Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM), penitenciárias ou hospitais psiquiátricos, é acompanhado pelos estigmas, e que a vida em liberdade após a permanência nesses lugares é algo difícil, pois esse processo de egresso, poderá ser marcado pela desvinculação da família ou ter seus papéis familiares substituídos.

No que tange a responsabilidade do Estado para com essa parcela de indivíduos, os compositores da música, relata de forma crítica, a participação do governo nos lugares carecidos de atenção pelo mesmo: “Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou” (RACIONAIS, 1993).

Costa (2005), relata, que a displicência do Estado para com as pessoas em situação de rua é comum, pois quando elas não sofrem represálias, são simplesmente deixadas de lado. Já a opinião pública trata o tema, em alguns momentos com preocupação, outra hora com indiferença. Ainda segundo Costa (2005), tais comportamentos, abrem espaço para propostas de origem assistencialistas, se distanciando do significado de política pública, o qual é direito dos cidadãos e dever do Estado.

A realidade sub-humana, vivida por pessoas em situação de rua, também podem acarretar diversas consequências para com a saúde mental dos mesmos. A pesquisa realizada por Frangella (2004), na cidade de São Paulo, citada por Mattos (2006) apresenta a presença dos loucos de rua, que são sujeitos com visíveis sofrimentos psíquicos, solitários, com episódios psicóticos, como delírios e alucinações.

Segundo Costa (2005), no final da década de 1980, a Constituição Federal de 1988, considerou os direitos sociais como direito de todo cidadão. A lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), reconheceu que a Assistência Social é uma política pública, portanto o Estado desde então tem a tarefa de manter os serviços e programas de atenção à população de rua, garantindo a dignidade e combate a violência.

Diante das discussões expressas pelos autores acima, podemos perceber que a violência está atrelada não somente a violência física, mas sim com os estigmas instaurados, a fragilidade das relações sociais, trazendo como consequência sofrimentos psíquicos também, podendo desencadear um estado de vulnerabilidade da saúde mental desses indivíduos. Conforme Borysow e Furtado (2013), a população em situação de rua enfrenta dificuldades em acessar os serviços de saúde de forma direta. A falta de domicílio, dificulta o planejamento das equipes para traçar estratégias de tratamento. Os mesmos autores ressaltam também a falta de iniciativas das UBS em acolher essa população.

3.4 Compreendendo quais as estratégias utilizadas por esses indivíduos para existir e resistir à condição de rua

O estar na rua traz à tona uma situação tipicamente particular à população não domiciliada: muitas vezes tratados e pensados como marginais e perigosos (MATTOS e FERREIRA, 2004), necessitam ainda estruturar-se de forma progressiva num ambiente que exige atualizações diárias no seu cotidiano, se “desvinculando gradativamente das suas redes sociais de suporte e aderindo aos códigos que imperam nas ruas” (ANDRADE et al 2014).

Trazendo ruptura dos códigos implícitos às comunidades e bairros onde estão, os moradores de rua rompem permanentemente estratégias de convivência subentendidos nestas localidades onde passam. Enquanto isso, é possível verificar também, certos códigos de convivência existentes entre os próprios moradores de rua, como traz Andrade et al (2014), citando o “não poder dormir em lugar que já é de outro”, “não invadir o território de renda de outras pessoas” e o “ter que compartilhar bebida, comida, cigarro e fogo, entre outros”, caracterizando regras preestabelecidas pela população não domiciliada.

Andrade et al (2014) traz o pensamento que existe uma incoerência na nossa sociedade atual, “pois, ao mesmo tempo em que os moradores em situação de rua são um evento essencialmente urbano, eles causam, permanentemente, estranhamento e rejeição, como se não

pertencessem àquele espaço”. Criam-se assim, barreiras sociais que dificultam o estabelecimento de vínculos, prerrogativa que leva à saúde mental do indivíduo. Acrescentando-se o fato que os vínculos afetivos estabelecidos por pessoas que vivem na pobreza podem se tornar “extremamente frágeis” de acordo com o “acúmulo de experiências desestruturantes ao longo da vida” (VARANDA e ADORNO, 2004), traduz-se aqui um pouco de como é a vida na rua e os desafios encontrados por quem mora nela.

Segundo Andrade et al (2014), pessoas em situação de rua têm diversos fatores como causas para a ida a este lugar, mas existem apontamentos que trazem a fragilidade da própria rede social como motivo sempre presente no entorno do indivíduo neste contexto. Os mesmos autores ainda trazem na sua fala a ideia que a rua, para os que optam por ela, é como uma estratégia à sobrevivência. Ao dizer que “a rua pode não oferecer suporte, mas diminui as cobranças e oferece maior liberdade, ainda que relativa” (ANDRADE et al, 2014), os autores indicam como a situação de não ter domicílio pode ser uma maneira de superação de certas realidades encontradas pelo indivíduo.

Citando Masten (2001), Paludo e Koller (2005) traz o conceito de resiliência como sendo “contextual e dinâmico”, podendo sua noção ser alterada ou influenciada de acordo com os fatores ambientais que cerceiam o indivíduo ou grupo em questão. Resiliência é um termo

3015

razoavelmente novo na Psicologia, mas traz em si um conceito antigo que diz sobre o constructo psicológico dos indivíduos, grupos ou organizações que os levam à “superação” de situações e estados emocionais (YUNES, 2003).

O termo resiliência ainda aparece, segundo Yunes (2003), coisificado ou com seu conceito objetificado nas falas em jornais e TV, mas no meio acadêmico traduz-se o termo ora com naturalidade como comum a todo indivíduo e em outros momentos/falas denota-se a necessidade de cautela ao naturalizar o termo. Ademais, torna-se claro o induto que o termo propõe do seu conceito, caracterizado por ser contextual, contingente/provisório, imprevisível e dinâmico (PALUDO e KOLLER, 2005; YUNES, 2003).

Caracterizam como fatores de riscos ambientais os eventos de vida estressantes, ausência de apoio social e afetivo e baixo nível sócio econômico. Anteriormente atrelado essencialmente a resultados negativos no desenvolvimento, os fatores de risco, hoje, têm sido entendidos de maneira diferente, como variante ligado estritamente ao resultado ocasionado (PALUDO e KOLLER, 2005).

Embora haja material científico sobre a resiliência de pessoas em situação de rua, verifica-se escassez no que se refere a pessoas adultas, sendo boa parte dos artigos encontrados, referentes a pesquisas com crianças e adolescentes. Ainda que este fato seja vigente, os autores que se propõem a mesclar os dois temas (ANDRADE et al, 2013; PALUDO e KOLLER, 2005; KOLLER, 1999), indicam a possibilidade de comportamentos ditos resilientes a pessoas não domiciliadas.

Paludo e Koller (2005), citam dois fatores proporcionadores de resiliência na vida de crianças, que são o estabelecimento de vínculos afetivos e estabelecimento de microssistemas (sejam eles por meio de grupos ou instituições), capazes de potencializar a proteção para o desenvolvimento humano.

4- CONCLUSÕES

Diante das discussões expostas no presente trabalho, foi possível perceber um entranhado de significados que envolvem a realidade da rua e daqueles que nela vivem. De acordo com Andrade (2004), a presença do morador de rua, causa uma reflexão e em seguida um impacto diante das questões entre o público e privado, pois o seu mundo se torna público, enquanto ele faz do público seu mundo particular.

3016

A resiliência como modo de enfrentamento foi discutida por Andrade e Adorno (2004), bem como a linha tênue entre a violência e a sanidade mental desses sujeitos. Isto nos atenta para a necessidade de compreensão de políticas públicas e assistenciais a grupos de risco, pois as políticas públicas vêm se atualizando, causando um impacto sob a vida do homem, trazendo com essas transformações a necessidade do psicólogo em atualizar sua prática.

Compreender o contexto histórico de cada época, colabora com a compreensão da heterogeneidade a qual os protagonistas dessa realidade carregam consigo. As heranças históricas citadas por Andrade et al (2014), e a evolução da prática em psicologia social, discutido por Bock (2008), nos faz perceber a importância de compreender os contextos do passado para ser possível realizar uma análise crítica do presente.

A rua nos remete a “liberdade”, por ter como característica seu significado amplo, generalizado, e ao mesmo tempo íntimo e particular para aqueles que a ocupam. A violência assola a vida desses sujeitos, trazendo como prática, não somente a violação física, mas também conduz a um tipo de violação sutil e quando não é sutil, se torna legitimada por meio de

preconceitos. Mattos (2006), retrata como as estigmatizações influenciam no processo de construção da identidade, sendo possível perceber a relação entre a “liberdade” e a exclusão.

Este trabalho procurou ampliar as possibilidades de compreensão da realidade de vida desses indivíduos não domiciliados, tendo em vista a necessidade da psicologia atual, de ampliar seus conhecimentos no que tange a prática comunitária, considerando o fato de que os campos de atuação do psicólogo vêm ampliando-se para além das intervenções em clínica tradicional. De acordo com Ximenes e Góis (2010), é importante desenvolver uma prática que colabore para a transformação da sociedade, sendo capaz de confrontar com as relações de violência e opressão.

Entre “bichos” e “homens na estrada”, nota-se uma contínua busca pela construção de autonomia e resistência existencial. A rua que muitas vezes é efêmera para alguns e perpétuo para outros nos possibilita inúmeras reflexões acerca do ser e estar dos sujeitos no mundo. Surge o questionamento de até onde a “sociedade comum” tem contribuído para a legitimação da identidade dos sujeitos que dividem os mesmos espaços da rua. Como essa relação subjetiva e distante, se torna próxima, intervindo nos construtos de identidade desses sujeitos? Até onde a forma com que o outro é visto e classificado é pré-julgamento ou ideia já consolidada e legitimada?

3017

Estas são perguntas que remetem ao início das discussões, ressaltando ainda mais a necessidade de compreensão do indivíduo como um todo, em suas facetas sociais, biológicas e psíquicas, para que diminua o risco de adentrar-se e incorporar ideologias engessadas, generalistas, estigmatizantes no que diz respeito ao outro.

Lista de Materiais Utilizados na Pesquisa				
Ano	Autor	Revista	Título	Resumo
2018	Salgado	UNICAMP	População em Situação de Rua: Desafios dos Profissionais nos Serviços de Saúde Mental	O autor se propõe a saber os desafios que servidores dos dispositivos de saúde mental vivenciam no município de Limeira/SP no lidar com a população de rua em seu cotidiano.
2018	Tiengo	Textos e Contextos	O Fenômeno População em Situação de Rua Enquanto Fruto do Capitalismo	O artigo descreve a população de rua em seu contexto estrutural, proporcionando debates acerca dos perfis desses indivíduos fazendo uma correlação com o sistema capitalista.
2016	Ferreira et al	Cad. de Saúde Pública	Consultório na Rua em uma capital do Nordeste brasileiro: o olhar de pessoas em situação de vulnerabilidade social	O objetivo foi de relatar e avaliar a realidade dos consultórios de rua em uma capital do Nordeste.
2015	Araújo e Tavares	Caderno de Ciências humanas e sociais	População em Situação de Rua: Identidade Social e a Dialética da Inclusão/Exclusão	O trabalho possui como embasamento teórico a psicologia social. Discutindo questões acerca da influência da exclusão das pessoas em situação de rua, na formação de suas identidades.
2015	Alcantara et al	Revista Colombiana de Psicologia	Pessoas em Situação de Rua: das Trajetórias de Exclusão Social aos Processos Emancipatórios de Formação de Consciência, Identidade e Sentimento de Pertença	O estudo tem como base a psicologia comunitária, utilizando suas categorias sobre os assuntos relacionados à identidade e pertença.
2015	Costa PHA et al	Ciência e saúde coletiva	Ressaltando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão narrativa de literatura	O artigo baseia-se numa análise crítica da literatura, levantando questões sobre os desafios e realidade dos modelos de tratamento dos usuários de drogas.
2014	Andrade et al	Saúde e Sociedade	A rua tem um ímã, acho que é a liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo	O texto traz um levantamento acerca das estratégias que os moradores de rua têm na cidade de Santos. Os autores incitam a discussão acerca de políticas públicas para essa população e revelam atitudes impositivas sobre a situação de rua.
2013	Viegas	Universidade do Porto	Morar na rua: Um estudo sobre sobrevivência e identidades de pessoas sem abrigo	O trabalho traz um estudo voltado para as consequências que a situação de vulnerabilidade, causam as pessoas sem domicílio.

2013	Borysow e Furtado	Revista de saúde Coletiva	Acesso intersectorialidade: o acompanhamento de pessoas em situação de rua com transtorno mental grave	Aborda-se o acesso de pessoas em situação de rua com transtorno mental grave a serviços públicos de saúde. Caracteriza-se dificuldades das equipes de saúde em inserir estes com CAPS e UBS.
2011	PRATES Jane Cruz, et al	Temporalis	População em situação de rua: Os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento	O trabalho faz uma análise dos sujeitos em situação de rua, por meio de dados nacionais e internacionais, ampliando as possibilidades de compreensão sobre a realidade destes sujeitos.
2010	Macerata	UFF	“...como bruxos maneando ferozes”: relações de cuidado e de controle no fio da navalha. Experiência “psi” em dispositivo da política de assistência social para crianças e a adolescentes em situação de rua.	O trabalho analisa o tema cuidado em um dispositivo da assistência social para pessoas em situação de rua e percebe práticas de cuidado e controle como maneiras de relacionamento destes.
2007	Rother	Acta Paul Enferm	Revisão sistemática X revisão narrativa	O artigo busca oferecer subsídios para a compreensão das duas revisões bibliográficas, ressaltando a diferença entre elas.
2008	Bock	Psicologia em Foco	O compromisso social da Psicologia: contribuições da perspectiva Sócio-Histórica	O material em questão traz como enfoque o compromisso social que a Psicologia trouxe na sua história e reflete o contributo trazido pela mesma a partir da visão sócio-histórica.
2008	Mattos et al	Mental	O trabalhador em situação de rua: algumas ações coletivas atuais	O trabalho aborda assuntos acerca das formas de trabalho exercidas por pessoas em situação de rua.
2006	Mattos	Universidade São Marcos	Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade	Este trabalho aborda a (im)possibilidade da saída da rua, e separa categoricamente as pessoas não domiciliadas para melhor entender o porquê da rualização individual.
2006	Domingues Junior	Interações	Psicologia Positiva e Resiliência: O Foco no Indivíduo e Na Família	O artigo em questão, discute aspectos da psicologia positiva junto a resiliência, tendo como foco o papel do indivíduo junto a família.
2005	Paludo e Koller	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Resiliência na Rua: Um Estudo de Caso	Estudo de caso qualitativo que tem como objetivo descrever formas de resiliência na vida de uma jovem de 14 anos frente a fatores de riscos encontrados na rua pela mesma, bem como suas

				redes de apoio criadas ao longo do tempo.
2005	Mattos e Ferreira	Estudos de Psicologia	O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado	Pensa a realização da pessoa idosa, analogamente ao mito de Sísifo, preso em um eterno presente, carregado de fardos, sem objetivo ou perspectiva como que à espera da morte somente.
2005	Costa	Revista virtual Textos e Contextos	População em situação de rua: contextualização e caracterização	O artigo busca contextualizar a realidade de pessoas que vivem em vulnerabilidade social, buscando compreender as estratégias de sobrevivência destes indivíduos.
2004	Varanda e adorno	Saúde e Sociedade	Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde	Abordando a complexidade que envolve o descartar humano no que tange a população de rua. Os autores abordam precariedades e insalubridades nas ruas, bem como apartamento e rompimento de vínculos familiares.
2003	Yunes	Psicologia em Estado	Psicologia positiva e resiliência: o foco No indivíduo e na família	O trabalho aborda questões relacionadas a resiliência, tendo como foco o indivíduo e suas relações
2003	Mattos et al		Contribuição de Vygotsky ao Conceito de Identidade: uma Leitura da Autobiografia de Esmeralda	Traz pela autobiografia de uma ex moradora de rua com embasamento em Vygotsky sobre a lei da dupla formação das funções psicológicas superiores.
2000	Aguiar	Cadernos de Pesquisa	Reflexões A Partir Da Psicologia Sócio-Histórica Sobre a Categoria Consciência	O artigo aborda os conceitos de Vygotski acerca da consciência e formação de identidade, correlacionando com a teoria sócio-histórica.
1997	Maciel et al	Psicologia: Reflexão e Crítica	Caracterização dos meninos em situação de rua de João Pessoa	O estudo traz estudos de casos, os quais possuem como protagonistas, meninos em situação de rua. O estudo é voltado para a caracterização dos mesmos.
1994	Gomes	Caderno de Saúde Pública	A violência enquanto agravamento à saúde pública de meninas que vivem nas ruas	O artigo aborda a relação entre prostituição infantil e processo de adoecimento ligado a violência.
1990	Minayo	Cadernos de saúde Pública	A Violência na Adolescência: Um Problema de Saúde Pública	Aborda a adolescência como etapa da vida e relaciona aspectos de morte destes indivíduos, trazendo fatores externos e internos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria consciência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 110, p. 125-142, 2000.

ALCANTARA, Stefania Carneiro de; DE ABREU, Desirée Pereira; FARIAS, Alessandra Araújo. Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista Colombiana de Psicología**, Bogotá Colombia, v. 24, n. 1, p. 129-143, 2015.

ANDRADE, Luana Padilha; COSTA, Samira Lima da; MARQUETTI, Fernanda Cristina. A rua tem um ímã, acho que é a liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, p. 1248-1261, 2014.

ARARÚJO, Paulo Thiago de; TAVARES, Marcelo Góes. População em situação de rua: identidade social e a dialética da inclusão/exclusão. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, Maceió, v. 2, n. 3, p. 113-132, 2015.

BANDEIRA FILHO, Manuel Carneiro de Sousa. O Bicho. In _____. **Rio de Janeiro**: 1947.

BOCK, Ana Mercês Bahia. O Compromisso Social da Psicologia: contribuições da perspectiva Sócio-Histórica. **Psicologia em Foco**, Aracaju, vol 1, n. 1, jul./dez. 2008.

BORYSOW, Igor da Costa; FURTADO, Juarez Pereira. Acesso e intersetorialidade: o acompanhamento de pessoas em situação de rua com transtorno mental grave. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 33-50, 2013. 3021

FERREIRA, Cíntia Priscila da Silva; ROZENDO, Célia Alves; MELO, Givânia Bezerra de. Consultório na Rua em uma capital do Nordeste brasileiro: o olhar de pessoas em situação de vulnerabilidade social. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, ago. 2016.

GOMES, Romeu. A violência enquanto agravo à saúde de meninas que vivem nas ruas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 156-167, 1994.

KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência e vulnerabilidade em crianças que trabalham e vivem na rua. **Educar em revista**, n. 15, p. 1-3, 1999.

MACERATA, Iaçã Machado. “...como bruxos maneando ferozes”: relações de cuidado e de controle no fio da navalha. Experiência “psi” em dispositivo da política de assistência social para crianças e a adolescentes em situação de rua. 2010. 198f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

MACHADO, Simone Araujo; PRATES, Flavio Cruz; PRATES, Jane Cruz. Populações em situação de rua: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. **Revista Temporalis**, Brasília, v. 11, n. 22, jul./dez. 2011.

MACIEL, Carla; BRITO, Suerde; CAMINO, Leoncio. Caracterização dos meninos em situação de rua de João Pessoa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1997.

MATTOS, Ricardo Mendes. Contribuição de Vygotsky ao Conceito de Identidade: uma Leitura da Autobiografia de Esmeralda. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 82-96, 2003.

MATTOS, Ricardo Mendes. **Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade**. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 47-58, 2004.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 23-32, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A violência na adolescência: um problema de saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 278-292, 1990.

MOTTA COSTA, Ana Paula. População em situação de rua: contextualização e caracterização. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, 2005.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Silvia Helena. Resiliência na Rua: Um Estudo de Caso. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 187-195, 2005. 3022

PEREIRA, Pedro Paulo Soares. O Homem na Estrada. In: PEREIRA, Pedro Paulo Soares. **Raio X do Brasil**. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVIT58A1c5o>. Acesso em 13 dezembro 2018.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007.

RUA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3. ed. Paraná: Positivo, 2004. P. 1778.

SALGADO, Rayoni Ralfh Silva Pereira. **População em situação de rua: desafios dos profissionais nos serviços de saúde mental**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Faculdades de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2018.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 28, p. 169-195, 2009.

VALENCIO, N. et al. Pessoas em situação de rua no Brasil: estigmatização, desfiliação e desterritorialização. In: VALENCIO, N. (Org.). Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil. **São Carlos: RiMa Editora**, 2009. Cap. 3.

VARANDA, Walter; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e sociedade**, v. 13, p. 56-69, 2004.

XIMENES, Verônica Moraes; GÓIS, César Wagner de Lima. Psicologia Comunitária: uma práxis libertadora latino-americana. In: LACERDA JR, Fernando; GUZZO, Raquel S. L (Orgs.). Psicologia e Sociedade: interfaces no debate sobre a questão social. **São Paulo: Editora Alínea**, 2010. Cap. 3.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, p.75-84, 2003.